

Ensinar com pesquisa 2010

Projeto: “O uso do cinema no ensino de graduação: a representação do passado em filmes documentais e ficcionais”

Bolsista: Cynthia Liz Yosimoto

Filme

O homem da capa preta (Sérgio Rezende)

Ano: 1986

País: BR

Cidade: Rio de Janeiro

Estado: RJ

Gênero: Drama

Resumo geral:

Sequência 01 a 09: De deputado estadual à candidatura para deputado federal.

Sertão de Alagoas, 1909: nasce Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque. Logo após o nascimento, seu pai, Antonio Tenório Cavalcanti de Albuquerque comemora e sua mãe faz espécie de promessa de proteção. Antonio, certa vez tem relações com uma mulher casada, cujo marido flagra a traição e vingando-se: mata o homem na frente do filho, no momento em que lhe ensinava a tocar sanfona. Passados alguns anos, Natalício cresce, o mesmo homem tenta lhe matar, no entanto é morto pelo garoto. Sua mãe pede que fuja, pois sabe que virão tentar tirar-lhe a vida e, em tom místico, fala algumas frases de proteção. Torna-se homem; já em Caxias do Sul (RJ), é deputado estadual, veste-se para um comício, se vê muitas cicatrizes de tiros em suas costas. Sai com sua capa preta para falar ao povo, que clama por seu nome. Alguns dias depois, chega um pau-de-arara trazendo muitas pessoas do Nordeste para vir morar na favela, o pessoal que os recebe promete que Tenório lhes fornecerá documentação e emprego.

O deputado está em sua casa, quando Manezinho avisa que o banco está querendo expulsar mais de 200 famílias do terreno invadido pelo povo; aquele garante que isso não acontecerá. Adolfo, jovem jornalista, pede entrevista a Tenório, que diz que o fará à noite. Venâncio, que havia chegado junto com o pessoal, vem ao encontro do deputado; se cumprimentam com alegria. Em visita à favela, Natalício tranquiliza o povo e, de repente Herculano, matador de aluguel, tenta lhe assassinar, em vão. Fulo com a situação, o deputado vai ensanguentado à câmara tirar satisfações; acusa o deputado Silas Gonçalves de ter encomendado sua morte, a discussão fica acalorada e quase trocam tiros. À noite, conversa com Adolfo, responde as suas perguntas, enquanto passeiam pela favela, onde revela seu populismo e idéias justiceiras ao jornalista. Enviado por Tenório, um de seus capangas mata Herculano. Cabral Pessoa, um poderoso fazendeiro da região, faz reunião com seus parceiros, entre eles Silas, para tramar a derrubada do deputado alagoano – deveriam vencer as eleições na prefeitura, no Estado e na presidência. Tenório Cavalcanti vai até os representantes da UDN e sugere sua candidatura para deputado federal, os homens aceitam.

Sequência 10 a 20: de deputado federal à derrota nas eleições para governador da Guanabara.

Momentos após as eleições, ouve-se no rádio os resultados, na casa de Tenório. Getúlio Vargas era presidente novamente, Amaral Peixoto assumiria o governo da Guanabara e Natalício era deputado federal. Cabral Pessoa comemora a vitória de Vargas intensamente.

Em momento familiar, a casa do deputado alagoano é fuzilada, causando pânico, ouve-se o recado de Cabral dizendo que acabaria com ele. Um pouco mais tarde, Tenório sai com Lurdinha (submetralhadora MP-40, de fabricação alemã) e metralha a delegacia, onde se encontravam seus inimigos. Silas Gonçalves é eleito o chefe da polícia pelo novo governador, traz um delegado novo à Caxias, de São Paulo, Lino Maragato; e um ajudante do Espírito Santo, Bereco. Cabral, junto ao novo delegado, vai à favela, prende, expulsa e bate nos moradores. Logo, recorre-se a Tenório, que em seu novo cargo, nada pode fazer, entretanto, tenta um acordo de paz com Maragato.

À noite, Venâncio volta para casa com Zé da Creusa, quando é assassinado por Bereco, acompanhado de outros capangas e de Cabral Pessoa. Mais tarde, este vai à casa da amante, quando é surpreendido por Zé da Creusa, que mata o casal a facadas. Prende-se este último, Tenório vai à delegacia para libertá-lo, o delegado lhe desmoraliza na frente de todos, volta para casa com o primo em liberdade. Zina, esposa do deputado, está exausta, sente-se presa – não pode sair de casa pelo perigo que os inimigos do marido lhe oferecem – contudo, seu esposo não parece se importar. Pede que se vista bem para ir a um baile após uma Conferência. Arruma-se com tristeza, ao chegar ao local, Bereco lhe observa demais, o que leva Tenório a trocar tiros com aquele. Na mesma noite, Natalício vinga-se fuzilando Maragato e Bereco, na porta do hotel onde o delegado estava hospedado. Faz-se um cerco na casa do deputado alagoano, o novo delegado entra em sua casa para explicar a situação e fica preso. Tenório comunica Carlos Lacerda, que promete ajuda. No dia seguinte, o ministro Osvaldo Aranha desmancha o cerco, lhe acudindo. Silas pede a cassação do “deputado pistoleiro”, em vão. Natalício abre o jornal Luta Democrática, com a ajuda de Adolfo e Manezinho, que faz grande sucesso. Quer então, candidatar-se a governador da Guanabara, mas a UDN não lhe permite. Sai do partido e lança sua candidatura sozinho; Manezinho e Adolfo negam-se a ajudá-lo, por descontentamento com suas gestões anteriores, consideradas personalistas. Tenório manda-lhes embora. Tenta seguir sozinho, entretanto Lacerda, o candidato da UDN vence.

Sequência 21 a 23: O golpe de 1964 e o esquecimento do homem da capa preta.

Sua popularidade cai, sua carreira começa a declinar, tenta uma aparição em um programa de televisão, prestando-se ao ridículo. Precisa de ajuda, procura Adolfo e Manezinho para voltarem ao jornal, estes colocam suas condições e retornam. Constroem oposição às forças políticas que pretendem derrubar Jango, instigam o povo a participar do comício de 13 de Março de 1964, estimulam as lutas populares. Silas Gonçalves e outros membros da UDN, junto a empresários, querem derrubar o presidente, contam com o apoio militar. Dado o golpe, certo dia vem à casa de seu maior inimigo a procura de Adolfo e Manezinho, não encontram nada, todavia Silas promete a Tenório que acabará com a sua carreira, cassará seu mandato, confiscará suas armas e sepultará sua memória política. Depois de irem embora, Natalício chama os procurados, que estavam instalados no porão de sua casa, e fala que vai ajudá-los a fugir, já que os militares estão desconfiados. Partem, deixam na porta da embaixada da Suíça, no momento de pular o muro, Manezinho decide ficar. Adolfo pula e chama Tenório para partir com ele, o homem da capa preta diz que não vai fugir, que não é fascista, nem comunista, e nem covarde.

Personagens:

Natalício Tenório Cavalcanti: alagoano, origem humilde, sua gestão como deputado é autoritária, justiceira, personalista e, sobretudo populista – é um *self-made man*. Enquanto deputado estadual, seu autoritarismo parece equilibrar-se com suas atitudes justiceiras, atende o povo, anda pela favela com naturalidade. É obstinado pelo favorecimento do povo, principalmente dos nordestinos. Não há no filme uma separação do político que profere discurso populista do homem em ambiente familiar – o mesmo que diz em comício ao povo diz à esposa. Luta pela libertação popular, mas ao mesmo tempo não percebe como sufoca sua família, especialmente sua esposa, sempre em casa, presa e solitária. Sua atitude personalista recrudescer quando se torna deputado federal. Encabeça as pautas de Jango, em favor da luta popular. Ao final, não assume posição política clara, só reitera a que sempre teve, de fidelidade ao povo. Este personagem realmente existiu, e como explica o filme, realmente caiu no esquecimento após o golpe de 64 sem nunca mais ter conseguido se reerguer.

Silas Gonçalves: personagem conservador, elitista, e grande inimigo de Tenório Cavalcanti. Na verdade, é um alter-ego de Antonio Carlos Magalhães. O episódio visto na sequência 5, na qual, os dois inimigos quase trocam tiros realmente ocorreu. Contudo, foi um pouco diferente: “Num discurso na Câmara Federal, Cavalcanti acusou o então presidente do Banco do Brasil, Clemente Mariani, de desvio de verbas. O deputado federal baiano, Antônio Carlos Magalhães, saiu e defesa do conterrâneo: ‘vossa excelência pode dizer isso e mais coisas, mas na verdade o que vossa excelência é mesmo, é um protetor do jogo e do lenocínio, porque é um ladrão.’ Tenório Cavalcanti, então, sacou o seu revólver e berrou: ‘Vai morrer agora mesmo!’. Todos os membros da Câmara Federal correram para tentar impedir o assassinato. Segurando o microfone, Antônio Carlos Magalhães não se deu por vencido, mas tremendo de medo, gritou: ‘Atira!’. Antônio Carlos Magalhães no momento teve uma incontinência urinária e molhou as calças. Tenório, rindo ao ver a poça no chão, resolveu não atirar.” (<http://www.jornaltribunagranderio.com.br/2009/10/tenorio-Cavalcanti-o-homem-da-capapreta/>)

Delegado Lino Maragato: sóbrio, contido, bom marido, eficiente, calmo, impávido e autoritário. É um alter-ego do delegado Albino Imparato.

Cabral Pessoa: simboliza a elite fazendeira de Caxias, embasa seu discurso na tradição em favor de seus interesses conservadores. Embora seja um homem de família tradicional, é mostrado sempre com sua amante (uma prostituta), no cassino, bebendo em comemorações; não há nenhuma cena familiar. Seu retrato é feito de maneira a evidenciar seu lado imoral, desbancando seu discurso tradicionalista, reforçando o apoio do espectador a Tenório – alguém que preserva a família, mal dá atenção à esposa de tão dedicado que é à política, sempre sóbrio, não se dá ao luxo de divertir-se.

Manezinho: moço simples da favela, exerce papel de agitador na campanha para deputado federal de Tenório. Discorda e rompe com este quando percebe seu personalismo exacerbado. Sempre lutando pelas causas populares, participa dos comícios de Jango, continua divulgando o jornal. No momento da fuga, desiste; entende que aquele seria um momento passageiro e ao mesmo tempo se expõe ao sacrifício das perseguições; não abandona o país.

Adolfo: jornalista jovem, curioso, interessado nas causas populares, luta a favor de Jango, mas foge quando o golpe é dado.

Zina: esposa de Tenório, sempre reclusa, excluída praticamente de tudo, sente-se presa, e invisível muitas vezes. Não tem voz para nada, não pode ir a nenhum lugar devido ao risco proporcionado pela fama de “deputado pistoleiro” de seu marido. A única vez que sai de casa, se arruma com tristeza e ao mesmo tempo com realização; veste-se toda de vermelho e, embora seja Bereco o único a lhe admirar, parece contente que alguém lhe note – já que pergunta ao marido certa vez se ainda gosta dela e não obtém resposta.

Venâncio e Zé da Creuza: são os capangas de Tenório Cavalcanti, mas merecem tratamento diferenciado, são primos/parentes do deputado, portanto lutam em favor do povo, são sóbrios, sempre atentos.

Bereco: capanga trazido do Espírito Santo para ajudar o delegado Maragato. Quase sempre bêbado, incoseqüente, um pouco irreverente, debochado e impulsivo. Luta do lado de quem pagar mais, é desgarrado, não tem laços com ninguém, é o oposto de Venâncio e Zé da Creuza.

Herculano: homem pobre, matador de aluguel, possui posicionamento individualista, já que prefere trabalhar para a elite local – que luta conta a sua própria classe.

Documentos, fatos ou frases históricas:

- (0:33:38) Candidatura de Tenório Cavalcanti pela UDN
- (0:38:45) Resultado das eleições de 1950
- (0:40:08) “Bota o retrato do velho outra vez”
- (0:53:50) Acordo entre Tenório e Lino Maragato
- (1:12:40) Assassinato de Lino Maragato
- (1:15:33) Mandado de busca de Tenório Cavalcanti pelo juiz e o cerco da casa do deputado por militares
- (1:31:00) Saída De Tenório Cavalcanti da UDN
- (1:50:30) Notícia da queda de Jango

Observações:

- na sequência 1, quando se dá o nascimento de Natalício, há bastante misticismo, o pai faz como um prenúncio da força do filho, a mãe faz espécie de promessa que lhe garantiria proteção e imunidade diante dos males da vida; estariam aí as origens do homem que viria a se tornar um mito de coragem e braveza. Falam como se estivessem determinando seu futuro – entre outras observações, seu pai diz “é macho!”, no sentido do sexo da criança; no fim do filme Tenório finaliza dizendo “e sou macho!” no sentido de coragem. A fotografia desta primeira sequência tem tonalidade sépia para dar a sensação de tempo passado. As paisagens têm uma retratação que nos remete aos filmes de faroeste norteamericanos, com cactos e pôr-do-sol alaranjado, como por exemplo, quando se mostra o assassino do pai de Tenório. No final desta sequência, Maria (mãe) dá a Tenório um relicário, e inicia uma oração, como se pudesse materializar a proteção colocando aquele objeto em seu pescoço.

- na sequência 2, Tenório homem veste-se e continua a oração que sua mãe tinha iniciado na primeira sequência, mostra-se seu relicário e suas costas com várias cicatrizes de tiros. Essas imagens parecem confirmar a proteção rogada por sua mãe desde o seu nascimento. Quando fala ao povo, há sempre fumaça, contribuindo para sua figura mítica e misteriosa.

- na sequência 3, um pessoal chega do nordeste em pau-de-arara. Embora a pobreza seja retratada, não é uma representação densa, parecem em alguma medida uma grande família, os que já estão no RJ ajudam aqueles que acabaram de chegar, também por já terem trilhado este caminho anteriormente – a trilha sonora favorece uma retratação alegre da chegada.

- na sequência 4, Tenório atende as pessoas em sua casa, uma mulher sai e beija sua mão, como se pedisse a benção – mostra-se o paternalismo do político populista. Em seguida, vem Manezinho e um advogado conversar sobre a expulsão do povo da favela pelo banco, o deputado lida com a situação de maneira sutilmente autoritária; conversa com o advogado e bate a cinza do cigarro no cano da arma, apontada para aquele, que transpira de medo e diz que vai ver o que consegue fazer. Quando os dois estão retirando-se da sala, Tenório diz ironicamente “você está vendo como o diálogo é importante, não é?”.

- na sequência 5, quando Tenório vai ensanguentado à Câmara acusar Silas de ter encomendado sua morte, apesar de a trilha sonora ser de tensão quando os dois sacam as armas, há um tom cômico, pois os outros políticos abaixam-se e o juiz se esconde embaixo da mesa e fica apertando a campainha, tentando finalizar a sessão. Este episódio realmente ocorreu entre Tenório e ACM, a diferença é que o assunto era outro e o segundo não tentou sacar sua arma, ao contrário, urinou em suas calças, fazendo o primeiro rir. Conquanto não se retrate o episódio como realmente ocorreu, retoma-se algo que ACM provavelmente não queria que ninguém mais se lembrasse.

- na sequência 6, durante a entrevista a Adolfo, a fala de Tenório denuncia “porque eles achavam e ainda acham que destino de nordestino é trabalhar feito um burro de carga e morrer de fome. Eu não nasci pra ser escravo!”. A questão da pobreza do Nordeste e do imigrante nordestino estava bastante em voga nos anos 1980. Em seguida, vão ao bar da favela e lá o deputado demonstra claramente sua postura populista, diz que torce por todos os times de futebol, brinda com o povo, mas não dá um gole na bebida.

- na sequência 13, depois que Bereco mata Venâncio, Cabral diz a Zé da Creuza “agora quem manda aqui é a polícia, bandido não manda mais”. Essa idéia da polícia ser o inverso de bandido é desfeita o tempo todo, principalmente pela atuação de Bereco.

- na sequência 14, Zina ignora a filha que quer lhe falar enquanto ela lê notícia sobre o marido no jornal; quando este chega, diz não agüentar mais e toda sua indignação é reduzida pela frase “vai pro quarto e arruma as crianças que eu vou mandar pro Rio de Janeiro, AGORA!”. Em seguida é obrigada a ir a um baile e parece ser um enfeite sempre, não importa o que pensa ou o que quer, é uma prisioneira daquele casamento. Arruma-se ao som de “You’ve changed” de Billie Holiday, cuja letra adéqua-se perfeitamente à situação.

- na sequência 15, quando Bereco observa Zina e Tenório percebe, este parece incomodar-se por uma questão de ego, de sentimento de posse. Não porque dê valor à esposa especificamente, mas pela questão de garantir sua moral e respeito diante dos outros.

- na sequência 16, Tenório, irritado com a situação no baile, volta pra casa e quebra tudo. Através do melodrama demonstra-se sua fraqueza humana, quebra tudo por sentir que seu poder/reputação está desmoronando, é um pouco infantil ao mesmo tempo e por isso se humaniza e provoca a identificação do espectador. Depois do sofrimento, vem a vingança justificada. Ao assassinar Maragato e Bereco na sequência seguinte, devido a contraposição

com a sequência anterior, há uma amenização da crueldade dos assassinatos por parte de Tenório.

- na sequência 18, Tenório vem falar em particular a Silas: “você é uma pústula Silas, entreguista, corrupto e safado”; “eu sou o câncer que mata, você é a lepra que deforma sem matar”. Sendo o personagem Silas um alter-ego de Antônio Carlos Magalhães, parece ser uma mensagem muito forte e direta.

- na sequência 20, Manezinho e Adolfo querem que Tenório apóie Luís Carlos Prestes, pois acreditavam que este era um candidato popular. O deputado demonstra seu personalismo, não pensa na conjuntura, quer eleger-se a qualquer custo, acredita que pode vencer sozinho e os expulsa de sua casa.

- na sequência 21, o apresentador de TV pergunta por que o deputado usava barba, e então ele responde “é que barba na minha terra é sinônimo de vergonha na cara”. O curioso dessa resposta é que diante do estereótipo dos barbudos comunistas, de repente dá-se outro sentido àquele uso, utilizando muito humor ao fazê-lo.

- na sequência 22, alterna-se a agitação na redação do jornal com imagens do povo em comício, Adolfo e Tenório dizem frases olhando diretamente pra câmera, apoiando a campanha de Jango, reiterando suas propostas, àquelas que deram início à ditadura, a qual nos anos 80 já encaminhava-se para o fim. Em seguida mostra-se a reunião da UDN com empresários tramando o plano para dar o golpe, com isso o diretor tenta revisar o início daquele período histórico que já estava em vias de acabar.

Sugestões para sala de aula:

Sequência 22

Na redação do jornal, Tenório e Adolfo falam à câmera. Em plano médio.

Tenório: se eu errei ontem, hoje me vendo à realidade, já vai longe o tempo em que se sustava a patas de cavalo às justas reivindicações dos trabalhadores.

Câmera passa rápido para a esquerda do quadro.

Adolfo: a UDN é um partido irremediavelmente inimigo do povo. Ela está disposta a ir às últimas conseqüências na defesa de grupos privilegiados.

Mostra-se Manezinho, em plano médio, conversando com trabalhadores, encara a câmera.

Tenório: o FMI já está mandando, o povo já está sofrendo, pagando tudo mais caro, pelo dobro!

Homem discursa para alguns outros em plano médio.

Adolfo: não nos cansamos de convocar as massas para se mobilizarem na defesa de seus direitos, lutando por suas reivindicações. Essa é a orientação do fundador desse jornal, o líder popular, Tenório Cavalcanti.

Manezinho, novamente, discursa a alguns trabalhadores.

Tenório (plano americano): não se assuste o senhor João Goulart, sou eu quem luta abertamente contra os grupos econômicos imperialistas, sou eu quem enfrenta os agentes do imperialismo e outros encapuzados.

Trabalhadores caminham juntos.

Adolfo (primeiro plano): pelas reformas estruturais, todos no comício de 13 de Março!

Adolfo em meio à multidão no comício.

Tenório (primeiro plano): as reformas de base são um compromisso que não se pode adiar!

Em seguida, mostra-se a reunião da UDN com empresários. A conversa em questão confirma o que Adolfo disse anteriormente, quando um empresário diz “temos que derrubar Jango, porque com ele caem Arraes, Brizola, Adhemar, Juscelino ...” e Silas complementa “... e Tenório Cavalcanti no Rio de Janeiro”.

Comentário/justificativa: esta sequência faz uma revisão ideológica do momento do golpe de 1964, justamente no período em que a ditadura encaminhava-se para o fim (momento de lançamento do filme em 1986). Tenório, apresentado como um político populista, representante do povo, apóia as causas de Jango. O fato de, na reunião da UDN, o incluírem junto a figura de JK, por exemplo, mostra como foi associado no filme à idéia de democracia, mesmo que através de um populismo um tanto despótico.

Sequência 23

Tenório está dirigindo seu carro, levando escondidos Adolfo e Manezinho. Tenta passar por uma rua, alguns militares estão fazendo um bloqueio e apontam suas armas para o carro quando no rádio escuta-se:

Rádio: assim sendo, declaro vaga à Presidência da República, e nos termos do artigo 79 da Constituição, declaro presidente da república, o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli. Nesse momento, recebo confirmação da prisão em Pernambuco do governador Miguel Arraes...

Tenório estaciona em frente à embaixada da Suíça, os dois descem do carro. Em plano americano:

Tenório: podem sair, agora é só pular o muro que estão salvos.

Em plano médio:

Manezinho: eu não vou não.

Adolfo: coragem demais é burrice.

Manezinho: não é coragem, é certeza que isso passa. Demora, mas passa (mostra-se Tenório em primeiro plano, volta-se a Manezinho, que se despede de Adolfo). Até a volta, Adolfo (dirige-se ao deputado). Brigado deputado, eu não vou esquecer.

Tenório: te cuida cabra da peste.

Manézinho parte em plano geral. Volta-se aos outros dois, em plano médio, de perfil, se cumprimentam.

Tenório: boa sorte.

Adolfo pula o muro, Tenório vai para o carro. Um de cada lado do muro, em plano americano.

Adolfo: deputado, por que não pula o muro também? Se ficar vai ser preso.

Tenório: eu não fujo, nem essa revolução nem nenhuma outra vai me fazer trair meus compromissos com o meu povo. Querem me cassar, podem cassar. Eu não fui eleito pra ser feliz (plano médio, encara a câmera). Eu não sou comunista, eu não sou fascista, eu não sou covarde. Eu sou o Tenório. Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque, e sou macho.

Em câmera lenta, joga a capa pro lado, saca Lurdinha, mira pro céu e atira ao som de música dramática (música que seu pai tocava na sanfona quando foi assassinado). Com esta última imagem congelada, aparece texto na tela narrando a continuidade dos fatos, de como Tenório, como prometera Silas (ACM), caiu no esquecimento político para sempre.

Comentário/justificativa: esta sequência é interessante para refletir o papel controverso do próprio Tenório Cavalcanti que, embora fosse violento e autoritário, foi retratado como parte integrante de uma política democrática e em favor do povo. Em termos de narrativa fílmica, ata-se as duas pontas, Tenório é macho – como dizia seu pai no início; já quanto à mensagem política ao presente, revisita-se o início da ditadura, no momento em que ela se findava, para repensar o período. Ao mesmo tempo, o posicionamento de Tenório dizendo não ser comunista nem fascista, nos remete a revisão e confusão ideológica daquele momento diante das utopias do século XIX, que vieram a explodir no XX de maneira tão violenta.

Sequências:

- 01 – (0:01:42) Infância, assassinato de Antonio Tenório Cavalcanti e vingança de Natalício na adolescência.
- 02 – (0:06:35) Deputado Tenório Cavalcanti: discurso ao povo.
- 03 – (0:12:36) Pessoal pobre chega do Nordeste em pau-de-arara.
- 04 – (0:15:30) Consultas com o deputado: a ameaça de expulsão do povo das terras do banco; Adolfo, jornalista, pede entrevista.
- 05 – (0:19:40) Herculano tenta matar Tenório; vai à câmara reclamar e quase atira em Silas Gonçalves.
- 06 – (0:24:40) Entrevista de Tenório Cavalcanti ao jornalista Adolfo.
- 07 – (0:28:03) Assassinato de Herculano.
- 08 – (0:31:30) Reunião de Cabral Pessoa e associados, plano: ganhar na prefeitura, no governo e na presidência, para depois livrarem-se de Tenório.
- 09 – (0:33:35) Filiação à UDN, concorrerá a deputado federal.
- 10 – (0:38:45) Vitória nas eleições. Na presidência, Vargas, no governo do Estado, Amaral Peixoto da UDN.
- 11 – (0:41:27) O descontentamento de Zina; tiroteios entre rivais.
- 12 – (0:46:17) Silas entra para o comando da polícia, Lino Maragato é o novo delegado: expulsam povo da favela.

- 13 – (0:52:07) Tentativa de acordo com o delegado. Bereco assassina Venâncio; Zé da Creusa assassina Cabral Pessoa e sua amante.
- 14 – (0:58:13) Prisão de Zé da Creusa, Tenório o liberta, mas este está desmoralizado. Zina sente-se presa.
- 15 – (1:05:10) Zina se arruma para o baile pós-Conferência. Bereco e Tenório trocam tiros.
- 16 – (1:13:04) Assassinato de Maragato e Bereco.
- 17 – (1:15:44) Arma-se cerco na fortaleza de Tenório.
- 18 – (1:23:34) Silas pede cassação de Tenório, em vão. Este quer agora concorrer no governo da Guanabara.
- 19 – (1:27:46) Lançamento do Jornal Luta Democrática.
- 20 – (1:31:00) Eleições para governador, deputado não aceita críticas, faz campanha sozinho.
- 21 – (1:36:39) Declínio político.
- 22 – (1:40:07) Reconciliação com Adolfo e Manezinho, ficam a favor de Jango. Silas trabalha contra.
- 23 – (1:44:18) Jango cai, Silas promete a Tenório o esquecimento político. Este acoberta a fuga de Manezinho e Adolfo.